



eq

Quarterly

vol.II - nº1 | Junho 2011

viagem

domingos caldeira francisco feio luís carvalho luísa de sousa miguel saavedra

3 editorial

4 viagem

6 domingos caldeira

10 francisco feio

14 luís carvalho

18 luísa de sousa

22 miguel saavedra

26 ficha técnica

Depois de um primeiro ano marcado pela apresentação das exposições *Arquivo* e *EQ.temp_2010* e pela iniciativa *Primavera na Casa da Fotografia* - que ao longo de oito sessões públicas trouxe à discussão, muito participada e intensa, temas tão variados como: há um presente (ou um futuro) para a fotografia?, os livros de fotografia ou as ligações entre a fotografia e a pintura - a *Casa da Fotografia* entra agora no seu segundo ano com a exposição *Viagem*. Ao colectivo de fotógrafos da Equivalentes foi proposto o desafio de encontrar, pelas suas fotografias, alguns dispositivos de reflexão e memória sobre os rastros, passagens e percursos das suas viagens.

O resultado são estas vinte fotografias que se mostram na *Galeria aAR|74* e se publicam no primeiro número do segundo volume da *Quarterly*.

da viagem e dos viajantes

a viagem é obviamente muito mais antiga que a fotografia e sempre convocou a representação. O desenho foi o primeiro instrumento para registar e descrever visualmente o desconhecido e a gravura o seu modo de circulação e distribuição, possível através das técnicas de multiplicação da imagem existentes à época. A pintura também colaborou na disseminação da imagem dos lugares, mais elaborada e não tão imediata, e deu origem a géneros e modelos específicos de representação, ligados por exemplo ao turismo, como foi o caso das vedute originárias da Flandres e que vieram a encontrar em Veneza um dos seus maiores centros de desenvolvimento e irradiação. Ligadas inicialmente à descrição topográfica, foram cedendo lugar a visões mais pessoais e intimistas, de vocação mais interpretativa que objectiva. Esse papel acabou por ser confiado à fotografia, a partir sobretudo da segunda metade de oitocentos, que o cumpriu exemplarmente nos primeiros anos e com uma diversidade e facilidade cada vez maiores, à medida que a evolução técnica dos materiais a foi dotando de maior imediatismo e versatilidade. A qualidade não acompanhou sempre a voracidade crescente com que se iam consumindo os lugares, mas existem exemplos que vale a pena observar atentamente, dos registos das primeiras viagens de Maxime DuCamp pelo norte de África e Médio Oriente aos trabalhos de Timothy O'Sullivan no acompanhamento das missões dos serviços geológicos norte-americanos. A introdução no mercado de aparelhos de simples manipulação destinados aos chamados amadores e o incremento do turismo pela florescente classe média, ajudaram a tornar o mundo num lugar cada vez mais acessível: a viagem torna-se numa forma de escapismo e a fotografia um instrumento precioso na construção simbólica e na perpetuação dessa ilusão. Nasceram também as sociedades especializadas na viagem, inicialmente animadas de intenções científicas ligadas à geografia, à arqueologia ou às ciências naturais e, mais tarde, transformadas em empresas globais de mediatização da imagem.

A fotografia torna-se assim num dispositivo de inventariação e catalogação dos lugares e do mundo, de construção de uma arqueologia visual do passado na tradição enciclopedista de setecentos, uma ferramenta de análise do território na era da industrialização e, mais que tudo isso, um instrumento de registo das actividades das classes florescentes; o século XX fez o resto. Nunca como antes uma tão grande número de pessoas se deslocou por motivos de trabalho ou lazer, em fuga de conflitos ou de catástrofes naturais ou simplesmente à deriva, seja por necessidade interior da procura de si (ou da sua perda) ou do preenchimento de uma falta, pelo prazer da descoberta, ou pela lógica experiencial, moderna, que anima o flâneur baudelairiano. Cabe aqui toda a produção de fotografia de viagem, amadora ou séria, a documentação do mundo empreendida pelos grandes fotógrafos viajantes que o atravessaram (e atravessam) e aos seus conflitos, os viajantes solitários tenham eles atravessado continentes, países ou apenas uma cidade (como por exemplo Plossu, Frank ou Atget). Lugar ainda para o imenso caudal da chamada fotografia de rua ou a recuperação de uma lógica topográfica e de inventariação do espaço que tem sido assunto recorrente a partir da década de setenta do século passado. Toda esta produção nos remete, contudo, para uma outra dimensão da viagem e que é talvez a mais importante: a da viagem no interior das próprias fotografias. Quer ao nível do privado, no caso particular da fotografia vernacular (hoje cada vez mais descaracterizada pela lógica de partilha que inunda as inúmeras redes sociais) em que a viagem é feita a uma dimensão mais íntima, dirigida a um passado da nossa história pessoal, quer na leitura das imagens com que nos vamos encontrando, as fotografias proporcionam-nos uma lógica semelhante à da viagem, da deslocação, no reconhecimento do que conhecemos, na surpresa da descoberta, na traição da memória, na apatia e no imenso aborrecimento.

A viagem muitas vezes baseia-se num princípio simples: ir lá ver se há alguma fotografia para fazer. Apenas isso. Apesar da insistência, muitas

vezes não há; se calhar não pelo lugar mas pelo espírito do viajante. Outras, acontece. As fotografias reunidas para esta exposição seguem lógicas distintas no modo como entendem a ideia de viagem.

Domingos Caldeira trabalha na experiência de lugares particulares numa mesma cidade, com atenção ao rigor do enquadramento e à riqueza do detalhe, no habitual e irrepreensível preto e branco, em que cada uma das fotografias encerra uma ordem precisa que reflecte a ordem mais vasta do mundo. Cada uma destas fotografias é um convite a uma viagem pela sua superfície e um convite a ir além dela. Francisco Feio parte para um espaço que poderia ser um lugar comum e interroga-nos sobre a construção dos sítios, a fabricação da memória e o que nos leva a olhar determinadas coisas em detrimento de outras num conjunto de fotografias que recusam os modelos da fotografia de viagem. Luís Carvalhal utiliza de novo um formato quadrado que reforça a simplicidade e a limpidez da acção. Olha para aqueles que olham no decorrer do processo da viagem: parar, olhar a paisagem, fotografar, não ver. Luísa de Sousa utiliza a ruína e a desconstrução como metáfora da impossibilidade da viagem ou de um momento de transformação do percurso. As fotografias de Miguel Saavedra percorrem diversos lugares e são o resultado de um encontro particular entre um espaço, um tempo e um fotógrafo. Sobretudo a construção de um olhar a partir de coisas simples que fazem uma fotografia: uma linha, uma janela, uma distância, uma luz.

francisco feio, lisboa, junho 2011



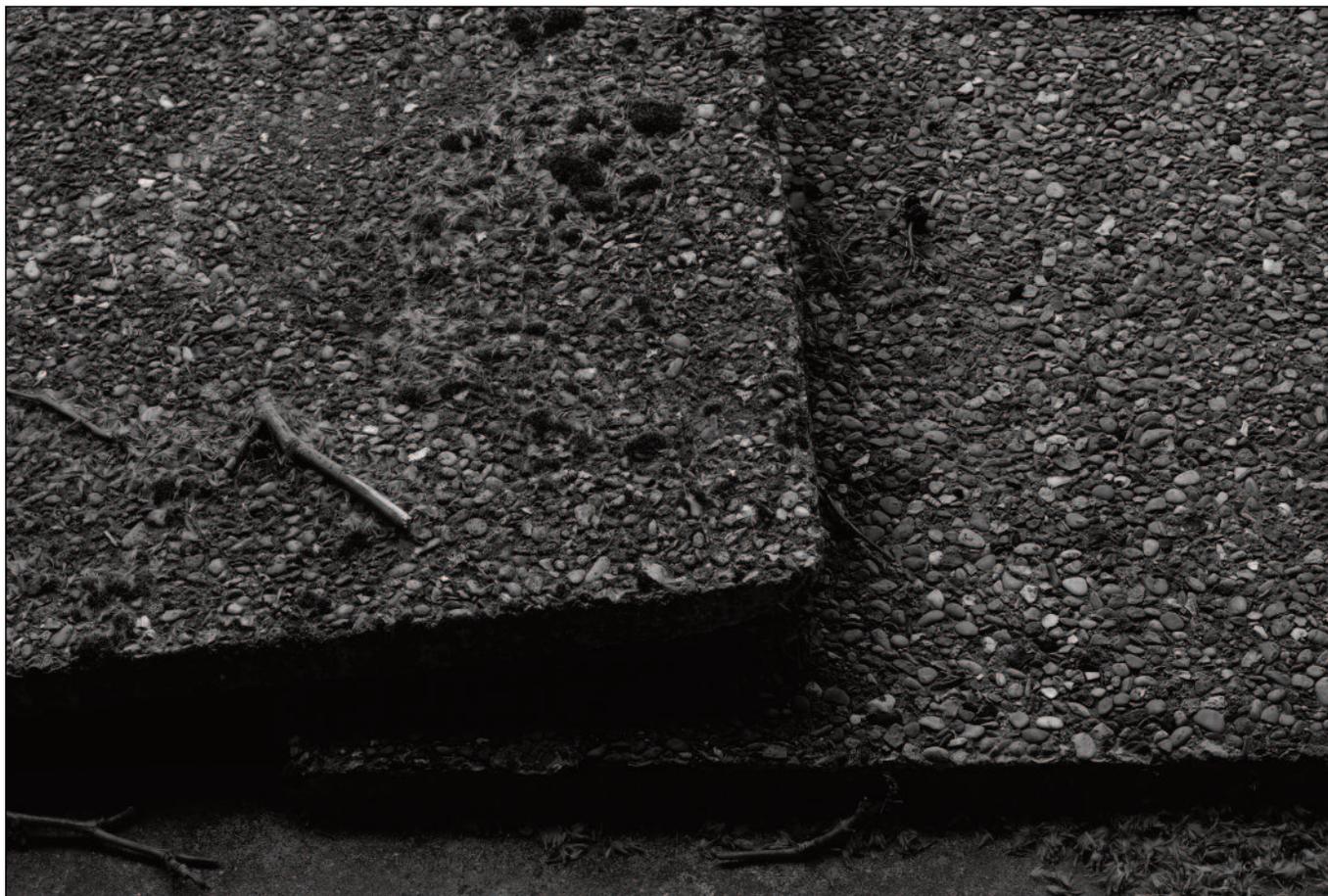
domingos caldeira
cemitério de montparnasse, paris, fr, 2007



domingos caldeira
cemitério de montparnasse, paris, fr, 2007



domingos caldeira
cemitério de montparnasse, paris, fr, 2007



domingos caldeira
cemitério de montparnasse, paris, fr, 2007



francisco feio
maurícia, mu, 2011



francisco feio
maurícia, mu, 2011



francisco feio
maurícia, mu, 2011



francisco feio
maurícia, mu, 2011



luís carvalho
people are strange(rs)_1, 2010



luís carvalho
people are strange(rs)_2, 2010



luís carvalho
people are strange(rs)_3, 2010



luís carvalho
people are strange(rs)_4, 2011



luísa de sousa
aldeia de juso, pt, 2011



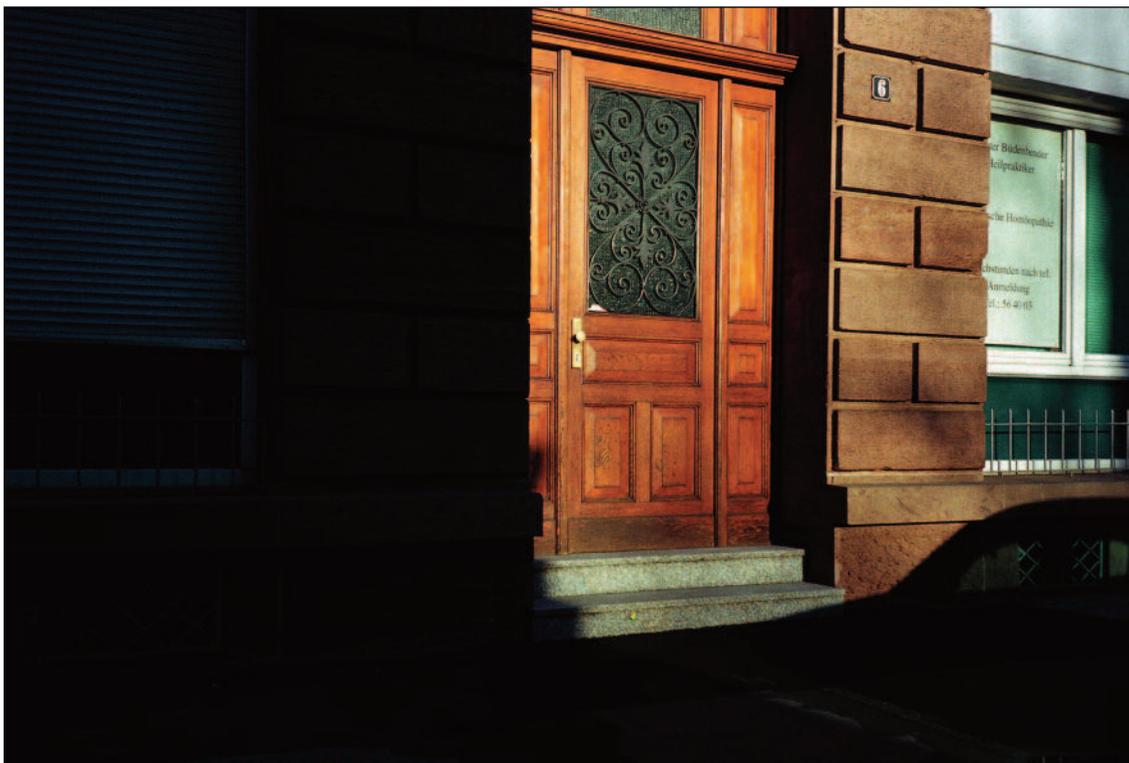
luísa de sousa
aldeia de juso, pt, 2011



luísa de sousa
aldeia de juso, pt, 2011



luísa de souza
aldeia de juso, pt, 2011



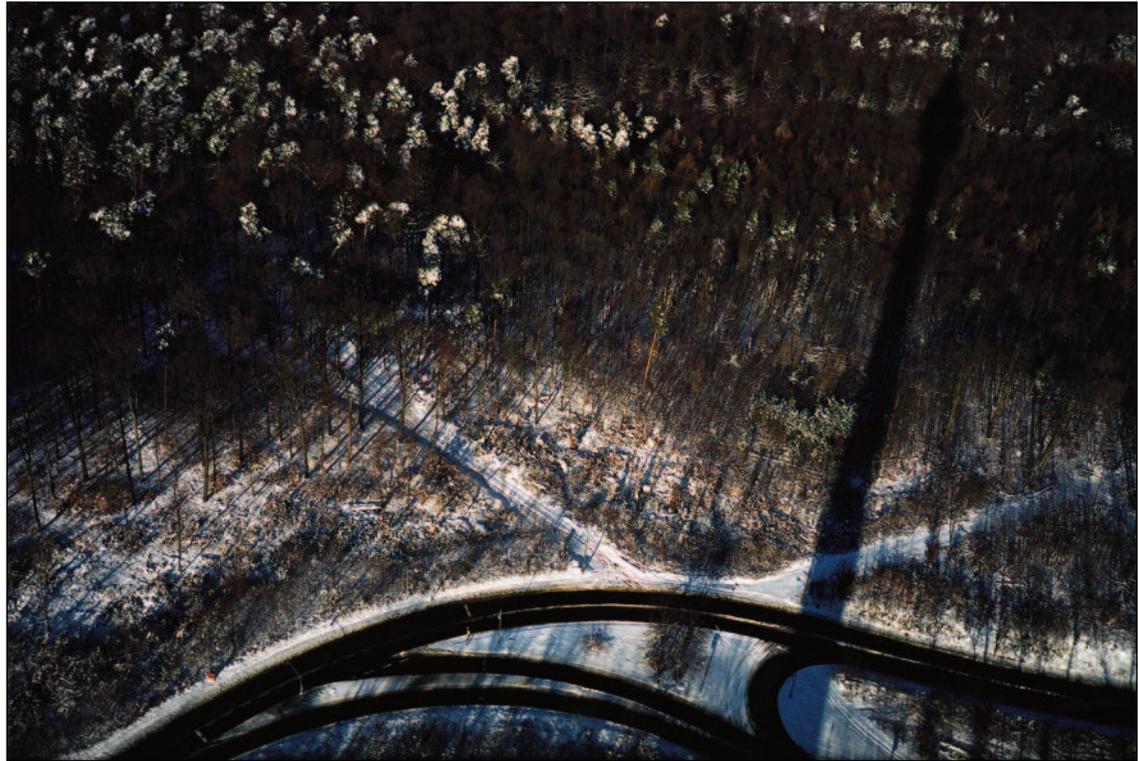
miguel saavedra
estugarda, de, 2006



miguel saavedra
estugarda, de, 2006



miguel saavedra
estugarda, de, 2006



miguel saavedra
estugarda, de, 2006

eq
Quarterly

vol.II - nº1 | Junho 2011

viagem

autores | domingos caldeira, francisco feio, luís carvalho, luísa de sousa, miguel saavedra

data | junho 2011

edição | francisco feio

editor e copyright | equivalentes_associação cultural

Av. Almirante Reis, 74 1B - 1150-020 Lisboa - Portugal - +351 960 412 567 - equivalentes@equivalentes.org

apoios |

EPSON
EXCEED YOUR VISION

 **CONTA 71**

